18.

Rua Simpatia 23
Vila Madalena – SP
05436-020

Cada um com seu cada qual

Há expressões que atravessam gerações, passam de boca em boca e encontram seu lugar no cotidiano sem que ninguém saiba exatamente de onde vieram. Cada um com seu cada qual é uma delas. Uma construção popular, bem-humorada e aparentemente redundante, afinal "cada qual" também significa "cada um". Mas é justamente nessa repetição, nesse pequeno jogo de palavras, que reside sua graça. Uma dessas expressões que parecem não dizer muita coisa e, ao mesmo tempo, dizem quase tudo, carregando na simplicidade da linguagem uma forma muito particular de compreender as relações humanas.

No cotidiano, a expressão aparece nas mais diversas situações. Às vezes como um conselho, outras como uma provocação, ou simplesmente como uma maneira descontraída de reconhecer que cada pessoa tem seus gostos, suas escolhas, suas manias e suas particularidades. Há nela uma certa irreverência, mas também uma sabedoria: nem tudo precisa ser igual, nem todos precisam concordar, e as diferenças não precisam ser resolvidas. Existe, inclusive, uma espécie de liberdade nessa ideia de que cada um pode ser exatamente aquilo que é, sem a obrigação de corresponder às expectativas do outro. Afinal, o que faz sentido para uns pode não fazer para outros, e talvez seja melhor assim.

É a partir desse espírito que a Galeria 18 reúne seus artistas representados na exposição **Cada um com seu cada qual**. Cada um com sua linguagem, seu repertório, suas inquietações e sua maneira particular de interpretar e transformar o mundo. Diferentes trajetórias, técnicas, materiais e poéticas que não precisam necessariamente se aproximar para compartilhar um mesmo espaço. São pesquisas que se desenvolvem em ritmos próprios, atravessadas por experiências, referências e sensibilidades distintas, mas que encontram na arte um território comum de experimentação e expressão.

Ao contrário de buscar uma unidade estética ou conceitual, a exposição celebra justamente aquilo que distingue cada artista. As obras estabelecem diálogos, encontram afinidades inesperadas, revelam contrastes e, por vezes, parecem não ter absolutamente nada a ver umas com as outras. E tudo bem. Talvez seja justamente aí que resida a riqueza desse encontro. Na possibilidade de observar diferentes universos coexistindo, sem que um precise explicar, justificar ou completar o outro. Porque a arte também se alimenta dessas aproximações improváveis, das tensões e das conversas que surgem quando aquilo que parecia distante passa a dividir o mesmo ambiente.

Afinal, uma galeria não se constrói apenas pelas semelhanças entre seus artistas, mas também pela convivência de diferentes olhares, pensamentos e formas de expressão. É nessa multiplicidade que se desenha sua identidade. Uma identidade que não precisa ser fixa, homogênea ou definitiva, mas que se transforma continuamente a partir das relações estabelecidas entre artistas, obras e público. Representar artistas é muito mais do que reunir trabalhos: significa acompanhar percursos, reconhecer singularidades e construir, ao longo do tempo, um espaço onde diferentes possibilidades de criação possam encontrar lugar.

A proposta, portanto, não é encontrar uma única resposta, estabelecer uma narrativa definitiva ou fazer com que tudo se encaixe perfeitamente. É reconhecer as singularidades, os encontros e até os desencontros que fazem parte de uma construção coletiva. Um exercício de convivência entre diferentes formas de pensar, perceber e produzir, no qual as diferenças não representam obstáculos, mas possibilidades. Porque, assim como na vida, na arte nem sempre é preciso encontrar uma explicação para tudo, tampouco buscar uma harmonia onde ela não existe. Há beleza também nas contradições, nas divergências e naquilo que escapa às nossas tentativas de classificação. Às vezes, basta permitir que as coisas existam e nos surpreendam.

Porque, no fim das contas, é cada um com seu cada qual, e todos juntos, aqui.

Galeria 18